

# **LITERATURA JUVENIL COMO SUPORTE PARA PRODUÇÃO DE SENTIDOS**

**SILVA, MARLENE ORTIZ PASCOIN – PDE/UEL  
SÉRGIO PAULO ADOLFO – UEL**

\*Artigo escrito para encerramento das atividades do Projeto de  
Desenvolvimento Educacional PDE 2007

## **RESUMO:**

Este artigo procura fazer uma reflexão acerca da importância do ato de ler e descreve um projeto de Leitura de Paradidáticos (sua aplicação e resultados obtidos), desenvolvido numa escola de Ensino Fundamental da rede pública de Londrina-Pr em que a Literatura Juvenil foi utilizada como suporte para a produção de sentidos. Como a Literatura Juvenil (paradidáticos) traz em seu bojo uma polifonia que se aproxima das expectativas do aluno adolescente, procurando responder às suas indagações e dialogar de alguma forma com os conhecimentos que este já tem, o projeto aplicado procurou trabalhar com livros que permeavam o universo de expectativas dos alunos, a fim de estabelecer o gosto e o hábito da leitura. A metodologia utilizada teve como princípio básico, a aplicação, em sala de aula, dos conceitos de dialogismo (priorizados nas DCEs), que consideram a dimensão dialógica e o caráter social da linguagem. A leitura foi trabalhada de forma que possibilitou aos alunos experiências reais de uso da língua materna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Literatura Juvenil. Dialogismo.

## **ABSTRACT:**

This article is a reflection of the importance of the act of reading and describes a reading project (its implementation and results), developed at a school of elementary school's public-Pr Londrina in the Juvenile Literature was used to support for the production of meanings. As the Youth Literature (para) brings in its midst a polyphony that is closer to the expectations of teenage student, trying to answer your questions and talk to some degree with the knowledge that it already has implemented the project sought to work with books that permeate universe of expectations of students in order to establish the taste and habit of reading. The methodology had the basic principle, the implementation in the classroom, the concepts of dialogue (in prioritized DCEs), who consider the size and dialogic social character of language, The reading was crafted in a way that allowed students to experience real-life use of mother tongues.

**KEY-WORDS:** Reading. Juvenile Literature. Dialogue.

## **INTRODUÇÃO**

Sabemos que a leitura tem sido relegada a uma elite, uma minoria. São poucos os que têm, no ato de ler, prazer; e, menos ainda, os que fazem dessa prática um degrau para interagir com o mundo, modificando e melhorando a realidade. Sabe-se também, que nossos alunos reconhecem no livro potencialidades diversas; no entanto, só lêem por obrigação,

para responder questões para a “escola”. Diante da problemática exposta, este artigo pretende fazer uma reflexão acerca da importância do ato de ler e descrever um projeto de Leitura de Paradidáticos (sua aplicação e resultados obtidos), desenvolvido numa escola de Ensino Fundamental da rede pública de Londrina-Pr em que a Literatura Juvenil foi utilizada como suporte para a produção de sentidos.

Apesar dos muitos estudos, projetos aplicados, intervenções das mais diversas, por que há ainda tão pouco interesse pela leitura? Que caminhos tomar para remediar essa situação? Que sementinhas plantar na sala de aula, que possam amenizar essa deficiência? A doença está aí, crônica. Será incurável?

A Literatura Juvenil (paradidáticos) traz em seu bojo uma polifonia que se aproxima das expectativas do aluno adolescente, procurando responder às suas indagações e dialogar de alguma forma com os conhecimentos que este já tem. Partindo desta constatação, a metodologia do projeto citado acima, teve como princípio básico, a aplicação, em sala de aula, dos conceitos de dialogismo (priorizados nas DCEs). Considerando a dimensão dialógica e o caráter social da linguagem, foi trabalhada a leitura de paradidáticos de forma que possibilitou aos alunos experiências reais de uso da língua materna.

A partir das histórias lidas pelos alunos, foram elaboradas atividades amparadas nas teorias de Bakhtin e dos teóricos do círculo de Bakhtin que formulam conceitos de dialogismo, considerando que *“na linguagem o homem se reconhece humano, interage e troca experiências, compreende a realidade em que está inserido e percebe seu papel como participante da sociedade.”* (DCEs).

## **DESENVOLVIMENTO**

Inicialmente, procuramos fazer uma reflexão acerca da importância da leitura buscando em diversos autores as formas pelas quais ingressaram no mundo da leitura, com vistas a ampliar a compreensão da amplitude do ato de ler.

Ribeiro (1988) em entrevista à Revista VEJA, faz menção à importância da presença de materiais de leitura como forma de incentivar esse gosto desde a infância.

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma, lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam, e, ao olhar para letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara.

Verifica-se, nas palavras de Ribeiro, que a livre circulação entre livros tornou possível despertar a imaginação do menino que, mesmo sem saber ler no sentido restrito da palavra, inventava histórias a partir das figuras que observava.

Em direção semelhante, Paulino (1999, p.50) reforça a presença indiscutível de obras literárias em sua formação de leitora.

Não virei ladra de livros especialmente porque me tornei amigas das filhas do patrão de minha mãe, e elas passaram a emprestar-me seus livros "usados" . Melhor mesmo foi quando resolveram liberar-me o acesso ao Tesouro da juventude, e, acreditem, ao melhor livro de todos para mim na

época, As mais belas histórias, fonte inesgotável de prazeres da minha infância.

É interessante observar a analogia que a autora faz quando utiliza a expressão “ladra de livros,” para expressar a apropriação das idéias contidas em um texto. É evidente também, na citação acima, a articulação entre a leitura como fonte de prazer.

Lemos desde que nos entendemos por “gente”. A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo e esta acontece a partir do momento em que reconhecemos e identificamos o mundo ao nosso redor. Já estamos lendo quando, por exemplo, descobrimos no rosto de nossa mãe um sorriso, um balançar de cabeça dizendo-nos um não, ou um gesto de carinho quando nos toca. Reconhecemos e “lemos” o mundo desde a compreensão do primeiro espaço particular onde nos movemos. Podemos recriar e reviver no nosso discurso, experiências vividas no momento em que ainda não líamos a palavra. Basta voltarmos o pensamento para nossa infância e somos imediatamente acatados por uma infinidade de momentos, lugares, pessoas, com os quais temos intimidade na nossa memória. Os textos, as palavras, as letras daquele contexto se materializam na nossa mente através das brincadeiras infantis, da primeira escola, dos amigos, dos lugares.

Também vinculado à idéia da leitura na infância, Andrade (1969, p. 30) compara sua história de vida e uma recordação de leitura na infância:

Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robison Crusoé,  
comprida história que não acaba mais. (...)  
E eu não sabia que minha história  
Era mais bonita que a de Robison Crusoé.

Da comparação exposta por Drummond, constata-se que a leitura pode abrir as portas de um mundo de imaginação que extrapola as fronteiras do imaginário e insere-se na existência humana. Deste modo, ao afirmar que sua história era mais linda que a que lia nos romances, percebe-se a importância assumida pela leitura para um leitor já adulto, ao lembrar de sua iniciação literária.

Também Abramovich (2001, p.10) contempla a relevância da leitura em sua formação:

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens...Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível...E continua, lindamente, sendo exatamente isso.

Denota-se, assim, que os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões emergem como frutos do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. Neste amplo contexto, percebe-se que o sentido não está no leitor, no texto ou em seu autor, mas se dá como efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas.

Complementarmente a estas idéias, Lacombe (2000,p.34) cita Ana Maria Machado que aborda a estreita relação entre ler e escrever:

Ser leitora e escritora é uma escolha ligada ao intenso prazer intelectual que essas atividades me dão. Escrevo porque gosto da língua portuguesa, gosto de histórias e conversas, gosto de gente com opiniões e experiências diferentes, gosto de outras vidas, outras idéias, outras emoções, gosto de pensar e de imaginar.

Deve-se acrescentar que a leitura desempenha pelo menos três funções básicas na vida da sociedade moderna: é fonte de prazer, é geradora de conhecimento, é estímulo para a ação. Dadas estas funções, é importante considerar a necessidade de formação de leitores como maneira privilegiada de promover as transformações necessárias na escola e na vida.

Freire (1981, p.13) diz que:

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.

Portanto, o ato de ler é uma ação cultural, isto é, um processo que pressupõe associação, ou seja, ela se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. Este último utiliza na leitura os conhecimentos prévios adquiridos ao longo de sua vida, que lhe permitem fazer precisões e inferências sobre o texto.

Fulgêncio & Liberato (1992, p.57) afirmam que “a leitura não é uma atividade meramente visual (...) é o resultado da interação entre o que o leitor já sabe e o que ele retira do texto”. Assim, ele constrói e não apenas recebe um significado global para o texto: procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou refuta conclusões, apoiado no seu conhecimento lingüístico e na sua vivência sociocultural.

A efetivação da leitura depende de fatores lingüísticos e não-lingüísticos: o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita da mobilização do universo de conhecimento do outro – o leitor – para ser atualizado. Portanto, a leitura se efetiva quando há a aliança de três elementos distintos: o

autor, o texto em si e o leitor (este último representando a parte primordial do processo). É o leitor, com seu conhecimento armazenado que vai depreender o tema, associar seus significados e construir o texto. Para esta tarefa, o leitor traz à tona sua bagagem de conhecimentos acumulados e concretiza a recepção. E é só com essa condição que ele se torna capaz de fazer inferências num texto para chegar a sua efetiva compreensão e interpretação.

De acordo com Bakthin (1997, p. 58):

[...] tais sentidos e significados são influenciados, também, pelas relações que os interlocutores (autor e ouvinte ou leitor) mantêm com a língua, entre si, com o tema sobre o qual se fala ou escreve, ouve ou lê; pelos seus conhecimentos prévios, atitudes e preconceitos; e pelo contexto social em que ocorre a interlocução. Tudo isso é potencializado no texto.

Para a dialética, um discurso nunca é autônomo, muitas vozes reverberam num texto. É o princípio constitutivo da linguagem, o que quer dizer que toda a vida da linguagem, em qualquer campo, está impregnada de relações dialógicas. A concepção dialógica contém a idéia de relatividade da autoria individual e conseqüentemente o destaque do caráter coletivo, social da produção de idéias e textos. As palavras de um falante estão sempre e inevitavelmente atravessadas pelas palavras do outro: o discurso elaborado pelo falante se constitui também do discurso do outro que o atravessa, condicionando o discurso do eu.

Neste ponto da discussão, deve-se ponderar a relevância da ludicidade na formação de leitores.

Para Cândido (1972, p. 29), “uma das funções da literatura é preencher os espaços, no homem, de ilusão e fantasia (prazer).” A literatura é algo para ser desfrutado, tem que ser

apresentado como algo gostoso, algo que satisfaça a busca pelo entretenimento.

Assim como em muitas outras atividades, o gosto pela leitura começa através da leitura fruição (da leitura-prazer ou leitura de entretenimento).

O ato de ler, antes restrito a ambientes fechados, hoje acontece em todos os lugares. Lêem-se em casa, mas lêem-se também nos bancos das praças, nas ruas, no ônibus, no metrô, nos aviões... São muitas e diferentes as circunstâncias da vida e, por isso, as pessoas produzem suas leituras de modo diversificado. Todas as formas de ler são relevantes, devendo, pois, ser contempladas.

Neste sentido, deve-se indagar: como estender a todos os alunos a possibilidade de desenvolver de forma satisfatória um domínio de leitura?

Em busca de respostas para esta questão, busca-se respaldo em Rocco, (1996, p.12), quando a autora enfatiza:

É tarefa do professor selecionar os textos nas séries iniciais. Textos de boa qualidade, não importando a diversidade de suas naturezas. Ele deve estar sempre atento ao teor envolvente e sedutor dos livros; textos ficcionais e poemas devem ser do gênero do narrar, quando se trabalha com crianças pequenas. É sua função, também, propor ou criar exercícios inovadores que permitam às crianças uma apropriação dos textos propostos. Exercícios apresentados aos alunos devem ser cuidados pelo professor de forma que mantenham a integridade literária e informativa das narrativas, permitindo ainda que os pequenos liberem sua inventividade e sua imaginação.

Entretanto, a premissa básica para o sucesso neste empreendimento é ser o professor, antes de tudo, um leitor. Um professor que não lê, jamais trabalhará bem com a leitura. Ele precisa ler muito, gostar de ler e fazer com que os pequenos

leiam; precisa ler para eles, ler com eles e saber ouvir a leitura, ainda tímida e descompassada que seus alunos fazem do texto estudado ou dos textos que eles próprios produzem; precisa, também, ter preparo teórico e metodológico e saber que a escola é o lugar natural da leitura.

É função primordial da escola, ensinar a ler. É função essencial da escola, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre a leitura e o indivíduo, em todas as suas interfaces.

A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais com textos de diversas naturezas; textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e, evidentemente, com textos da literatura que criam a possibilidade de o indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

Crianças e adolescentes de séries iniciais podem ir desenvolvendo satisfatoriamente o gosto e o hábito da leitura, se para eles forem apresentados e trabalhados devidamente textos atrativos que permeiam o lúdico.

Retomam-se, aqui, as idéias de Abramovich (2001, p.49) sobre as possibilidades de exploração da leitura no âmbito escolar:

E depois do livro lido e vivido, sentido e sacado, pedir pros alunos fazerem desenhos do que mais gostaram, teatralizam o capítulo mais emocionante, escreverem para o autor; fazerem de conta que entrevistam o personagem mais incrível, compararem com outras histórias do mesmo escritor ou mesmo gênero, críticas opinativas e pregarem no jornal mural...e tantas outras idéias que cada livro dá. Importante é explorar, discutir, clarear. Não cobrar. Fazer vibrar!

Neste contexto, além da ludicidade presente no texto em si, devem-se desenvolver atividades que, aparentemente tendo um caráter de entretenimento, levem à aprendizagem, pois esta é uma outra função da literatura: ensinar.

Acerca da importância da literatura, Cândido (1972, p. 32) menciona que:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] . Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem freqüentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.

O mesmo autor considera uma terceira função da literatura que consiste em humanizar, pois, nas suas palavras, “a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CÂNDIDO, 1972, p. 37). A literatura promove no homem o desenvolvimento de sua intelectualidade, proporcionando-lhe um equilíbrio moral e psicológico, bem como uma maior integração com a realidade que o cerca, seja a que ele vivencie diretamente ou não.

Ainda em conformidade com Cândido (1972, p. 39):

Pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. [...]. É necessário um grande esforço de educação e auto-educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. É necessário, um grande esforço para que o homem reconheça

que, se temos direito à fruição da arte como parte responsável pela consolidação de seu universo de conhecimento, também os menos privilegiados pela sociedade têm o mesmo direito.

Fica clara, assim, a importância que a literatura exerce no meio social, sobretudo no homem participante e responsável pela manutenção desse meio. Por outro lado, a literatura só exercerá plenamente todas as suas funções, se a ela for concedida a importância que lhe cabe, bem como um esforço de interpretação e compreensão de seu significado mais correto. Essa interpretação e compreensão resultam de uma ação a qual estamos todos efetuando no dia-a-dia, desde a mais tenra idade: a prática da leitura.

Carregada de exemplos que permeiam a realidade, a literatura juvenil (paradidáticos) vem ao encontro das expectativas do aluno adolescente procurando responder às suas indagações. Cabe ao professor direcionar essas leituras, formando uma biblioteca que possa, na medida do possível, ensinar, humanizar e entreter ao mesmo tempo.

## **O PROJETO NA ESCOLA**

Para desenvolver o projeto, a escola ampliou o número de livros da biblioteca. Com recursos enviados pelo governo e contribuição dos alunos, foram adquiridos livros paradidáticos com temas que atendiam o universo de expectativa dos alunos. Cada turma leu um livro por mês durante oito meses de 2007 e, a partir da leitura de cada livro lido, eram desenvolvidas atividades como a produção de jornal, sarau de poesia, contação de histórias em família, livro de pano, produção de livro, oficina de contação de histórias para crianças, exposição, orientação de pesquisa, rodas de leitura, oficina de origami,

dramatização, visitas a espaços culturais, encontro com escritores, música, jogos e brincadeiras. Tais atividades tiveram como principais objetivos desenvolver o gosto pela leitura, tirar o caráter rotineiro das aulas além de contribuir significativamente para a aprendizagem.

O início da leitura do livro dava-se ainda na biblioteca com verificação da capa, da contra-capa, orelha, resumo feito do livro no manual da editora, levantamento de hipóteses do tipo: *(Qual você acha que seja o assunto do livro?; Por que você chegou a essa conclusão?; Tem imagens no livro?; Do que tratam?; etc)*. A leitura do livro, feita por toda a sala, tinha continuação em casa durante uma semana.

Após uma semana com o livro, novas aulas eram reservadas para leitura de fragmentos do livro com atividades do tipo *(Leia um parágrafo que você gostou na história e diga por que você gostou dessa parte, você indicaria a leitura desse livro aos seus colegas? Por quê?)*. Seguiam-se atividades em mais 2 ou 3, aulas, onde era feita a avaliação de compreensão e interpretação da história lida; interação dialogal. *(Em grupos, de acordo com o livro lido, os alunos faziam uma exploração do assunto expondo e defendendo seu ponto de vista, formulando hipóteses e debatendo o tema apresentado, formulando uma análise crítica da história contada no livro depreendendo os diversos temas abordados na narrativa)*.

Considerando a multiplicidade de temas retirados pelos alunos que variavam de acordo com sua bagagem de conhecimentos, *era escolhido um capítulo do livro para fazer adaptação do texto narrativo para um texto dramático; era feita a correção do texto dramático; e, em seguida, a dramatização das histórias pelos alunos. (apresentação p/ outras turmas)*. *Elaboração de cartazes ou maquetes com a*

*síntese da história lida; encaminhamento de redações explorando o assunto do livro, exposição dos textos escritos e/ou ilustrações feitas a partir das histórias lidas; também foram atividades desenvolvidas em algumas turmas.*

*A seguir, um exemplo de avaliação feita, com uma 7ª série, sobre o Livro BALADA DO PRIMEIRO AMOR DE Antonio Barreto:*

## BALADA DO PRIMEIRO AMOR

- ESCREVA QUEM SÃO ESTES PERSONAGENS:

LARISSA  
(Lara).....  
.....

LUCIANA/KIOKA  
(Lu) .....

DONA  
MISHIKO.....

GUSTAVO  
(Gu) .....

PIOTR.....  
.....

SONIA.....  
.....

TESSÁLIA  
(Tess).....

THIAGO  
Tripa)..... (Liga-

PARACELSO (Cultura Inútil).....

- QUAL ERA A PROFISSÃO DA MÃE DE LARISSA?

.....  
.....

- NO PRIMEIRO DIA DE AGOSTO ACONTECERAM MUITAS COISAS ESQUISITAS NA VIDA DE LARA. ENUMERE-AS:

- 1º .....
- 2º .....
- 3º .....
- 4º .....
- 5º .....

- QUAIS ERAM OS BICHINHOS DE ESTIMAÇÃO DE LARA?

- a).....
- b).....
- c)Quem era: Ágatha Crítica?.....
- d)Júlio Verne.....

- QUANDO LARA PRESENCIOU A MORTE DE UM OPERÁRIO,O QUE HOVE COM ELA? QUEM A SOCORREU?

.....  
.....

- O PRIMEIRO BEIJO DE LARA FOI COM QUEM?

.....  
.....

- O PROBLEMA DO “CULTURA INÚTIL” ERAM OS PERDIGOTOS. O QUE É ISSO? EXPLIQUE.

.....  
.....

- QUE IDÉIA LU E LARISSA TIVERAM PARA ARRECADAR DINHEIRO?

.....  
.....

- PARA QUE LARA PRECISAVA DE DINHEIRO?

.....  
.....

- CITE AS SURPRESAS QUE LARA TEVE NA FESTA NA CASA DE GUSTAVO;

7 .....  
8 .....  
9 .....  
10 .....

. CITE INDICAÇÕES (do livro) DE QUE LARA LIA MUITO E POR ISSO ERA ESPERTA, INTELIGENTE.

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

. SE VOCE TIVESSE QUE INDICAR A LEITURA DESSE LIVRO PARA UM AMIGO, OQ UE VOCÊ DIRIA?

.....  
.....  
.....

Uma atividade que surtiu bastante resultado foi a Propaganda do Livro e Concurso do Melhor Cartaz. Nesta atividade, cada aluno emprestou na Biblioteca o livro que mais lhe agradou, dentro de uma pré-seleção feita pela bibliotecária e pela professora que consideraram a faixa etária e os temas abordados pelos livrinhos que variavam entre: aventuras, terror, relacionamentos interpessoais, gravidez na adolescência, suspense e uso de drogas. Após leitura do livro, em casa, durante uma semana, cada aluno deveria fazer um cartaz que mostrasse a capa do livro ou, uma outra ilustração, acompanhada de uma propaganda do livro: *por que ler aquele livro, o que ele tem de interessante, o que não tem, qual o tema de que o livro trata, uma rápida sinopse, etc.* Todos os cartazes foram expostos na escola para que todas as turmas

pudessem apreciar e, através da propaganda, emprestar o livro que tivesse a propaganda que mais lhe interessou. Foram selecionados os cartazes mais bem elaborados e com anúncios mais atraentes e uma comissão elegeu o melhor cartaz de cada turma. Os alunos vencedores foram presenteados com uma coleção de livrinhos paradidáticos. Os alunos fizeram o empréstimo do mês seguinte baseados e influenciados pelas *propagandas*.

A avaliação ocorreu através da participação efetiva nas atividades encaminhadas por meio da leitura e entonação vocálica, da reprodução oral da história lida, da análise da narrativa sob a perspectiva da Semiótica (perpassando os dois níveis de entendimento); da adequação do gênero proposto nas tarefas escritas e no teatro.

O Projeto foi finalizado com apresentações teatrais de obras baseadas nos livros de Pedro Bandeira (Mariana e A Droga do Amor) e em um conto de Marina Colasanti (A moça Tecelã).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados obtidos foram satisfatórios tendo em vista diversos fatores que impedem o desenvolvimento do gosto pela leitura. Apesar dos avanços tecnol[ogicos que invadem a vida dos alunos aborvendo-os quase que completamente, houve bastante interesse dos alunos pelo projeto e uma adesão significativa dos outros professores da Escola que passaram a utilizar a metodologia em suas aulas de Português. O projeto continuou sendo aplicado em 2008 passando a ser desenvolvido em todas as séries do colégio e a fazer parte do Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP). Contribuiu significativamente para

tornar saudáveis os hábitos de leitura de grande parte dos alunos, que realizam as atividades relacionadas aos livros paradidáticos com motivação e prazer suficientes para emprestar outros títulos na Biblioteca, sem que para isso precisem ser impulsionados pelas atividades avaliativas próprias do Projeto. Estão previstas três apresentações de teatro que serão exibidas como encerramento das atividades pedagógicas da escola para o final do período letivo de 2008. As obras apresentadas foram inspiradas nos livros Mariana e Minha Primeira Paixão de Pedro Bandeira e no livro O Diário da Misteriosa Menina de Liliana Iacoca e serão encenadas por alunos das sétimas e oitavas séries.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**. São Paulo: Ática, 1969

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Questões de Estética e Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CÂNDIDO, Antonio. A Literatura e a Formação do Homem. In. CÂNDIDO, Antonio. **Ciência e Cultura**. São Paulo, vol.24, n.9, p.803-9, 1972

CASTRO, G. de; FARACO, C.A.; TEZZA, C. (orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba; Editora UFPR, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** – 13 ed. São Paulo: Cortez, 1982

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y.G.. **Como facilitar a leitura.** São Paulo: Contexto, 1992. (Col.Repensando a Língua Portuguesa)

LACOMBE, Amélia. **Ana Maria Machado.** Rio de Janeiro: Agir, 2000.

PAULINO, Graça . **Para que serve a literatura infantil. Presença Pedagógica,** Belo Horizonte, p. 50-57, 1999.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Revista Veja.** São Paulo: Abril, Agosto 1988

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Viagens da Leitura.** Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação à Distância – (caderno da TV escola), 1996

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola:** pesquisas X propostas. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2.005

